

O TRADUTOR PAULO RÓNAI: O DESEJO DA TRADUÇÃO E DO TRADUZIR *

Marileide Dias ESQUEDA

RESUMO *Proponho, neste estudo, analisar algumas das notas de rodapé de Paulo Rónai na tradução para a língua portuguesa da obra A Comédia Humana de Honoré de Balzac, com o intuito de discutir que Rónai, na tentativa de traduzir os trocadilhos balzaquianos que chama de intraduzíveis, sofre o double bind, aquilo que sobra, que resta a ser traduzido. O problema do “intraduzível”, declarado nas notas de tradução de Rónai, mostra sua irredutibilidade perante o idiomático da língua em sua atividade tradutória. O intraduzível para Rónai configura-se no momento mais complicado de sua argumentação teórico-prática, é aquilo que o perturba no processo tradutório. Nesse sentido, a partir das questões abordadas por Jacques Derrida, reflito sobre a questão dos limites entre texto e texto traduzido. Trata-se de tentar construir uma ponte entre a questão das notas de tradução de Rónai e a desconstrução, uma vez que Derrida expõe que é na nota que o intraduzível se multiplica, promovendo a disseminação de uma língua em outra língua. O tradutor Rónai, por assim dizer, é levado a participar do jogo do intraduzível, do double bind, sofrendo os limites das línguas.*

ABSTRACT *The main purpose of this work is to analyze Paulo Rónai's footnotes in the translation to Portuguese language of the work of Honoré de Balzac, La Comédie Humaine, aiming to discuss that Rónai, trying to translate balzaquian's puns which he calls untranslatable, suffers the double bind, the remainder to be translated. The problem of the “untranslatable” declared in Rónai's translation footnotes shows his irreducibility before the idiomatic of the language in his translating activity. The untranslatable in Rónai's point of view figures out in the most complicated moment of his theoretical-practical activity, it is what bothers him in the translating process. Therefore, based on Jacques Derrida's approach, I discuss the limits between text and translated text. I aim to build a bridge between the discussion concerning translation footnotes and*

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentado ao Curso de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 17 de dezembro de 2004, orientada pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni.

deconstruction, once Derrida argues that it is in the translation footnote process that the untranslatable expands itself, promoting the dissemination from one language to another. The translator Paulo Rónai participates in the untranslatable play, in the double bind play, suffering the limits of the languages.

Nada do que pensamos hoje sobre a tradução no Brasil seria possível sem as intervenções anteriores de Rónai. Construir este trabalho, portanto, é reconhecer que não se pode negar a assinatura de Rónai. Revisitemos um clássico, estudemos tradução no Brasil a partir do que nos fala Rónai.

“A prática intensa do ofício havia de levar-me naturalmente a meditar sobre ele”. (RÓNAI, 1981, p. 176).

No Brasil, se vem produzindo uma mudança notável na estratégia com que o mundo acadêmico e da investigação científica encara o fenômeno tradutório.

Na introdução, por exemplo, à obra *Conversas com Tradutores: balanços e perspectivas*, dos organizadores Ivone C. Benedetti e Adail Sobral (2003), Francis Henrik Aubert escreve:

Diálogos que se fazem urgentes... ou, melhor, diálogos que se vêm fazendo urgentes há muito tempo; pelo menos desde que (a) a reflexão sobre a tradução progressivamente abandonou sua postura normativa, procurando parâmetros que definissem o “bem” e o “mal” traduzir, procurando introduzir um viés de objetividade e de isenção científicas; (b) o mercado da tradução deixou de ser percebido apenas em sua dimensão editorial (hoje responsável, em uma hipótese otimista, por não mais do que 5% do volume total de traduções), para demandar competências nas áreas jurídica e técnica; e, portanto, (c) a teorização da tradução resultante deixou de ser praticada, quase que exclusivamente, por autores-tradutores de formação e/ou prática literárias, para ser cultivada no âmbito de instituições de ensino e pesquisa, com especial destaque para as escolas de formação de tradutores. Pois o resultado desta evolução, que se torna patente a partir da década de 1960 do século passado, e conhece especial aceleração a partir da década de 1980 (inclusive no Brasil), tem sido algo paradoxalmente, uma crescente percepção de divórcio entre os praticantes da teorização e os operadores da prática tradutória. (p. 8)

Aubert coloca que a teoria de tradução talvez tenha ganhado novo viés e especial aceleração a partir da década de 1980 não somente no exterior, mas também no Brasil, principalmente a partir do oferecimento de cursos para formação de tradutores.

Talvez pudéssemos acrescentar que parte desta efervecência tradutória e tradutológica no Brasil se deveu a Paulo Rónai, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro. Paulo Rónai, desde a Hungria, e depois no Brasil, já na década de 40, foi estudioso e tradutor pioneiro a escrever livros sobre a prática da tradução e a dedicar-lhe apreciação, investigação, análise. Porventura tenha sido ele também autor pioneiro a dedicar-se a escrever livros que trouxessem à profissão um pouco mais de visibilidade. Ao examinar a obra de Rónai, considero necessário que olhemos para esta como uma

contribuição atuante. Sua atuação é importante, pois ele encontra sua consagração à volta de grandes nomes da lingüística, da literatura e da tradução.

Portanto, gostaria de trazer Rónai para um debate teórico, para uma discussão entre a prática e a teoria de tradução em sua obra. Não haverá um teor discriminatório nas análises que farei das questões de tradução e sobre a tradução que ele levanta. A leitura de seus textos buscará não invalidá-lo ou minimizá-lo, ao contrário. Procurarei não cobrar de Rónai uma reflexão resolvida, completa, cerrada com respeito às questões teóricas sobre tradução, o que me parece que era justamente isso que ele se recusava a fazer.

Penso que se a obra de Paulo Rónai for avaliada por algo isolado que ele escreve em *Escola de Tradutores* ou em *A Tradução Viva*, ou como um autor que atribui à prática uma importância maior, por exemplo, perdem-se pontos cruciais de seu pensamento, deixa-se escapar o que há de mais valioso em sua obra: a abrangência. Quando estudam a história da tradução no Brasil, os cursos formadores de tradutores das universidades e faculdades brasileiras devem ter acesso à obra de Rónai, neste sentido mais amplo, porém não como um “prático da tradução”. Isso ignoraria sua maior contribuição: as discussões sobre os dilemas das línguas na tradução.

Poderemos ver, ao longo deste trabalho, que, na lógica desse autor, qualquer tradução rompe a idealidade de um texto fiel e completo. Essa problemática interessa a Rónai de perto. Ao revisitarmos vários de seus textos, poderemos analisar a fundo a obra desse autor, sem relacioná-la a simples “dicas”, “manuais” ou “receitas” do bom ou mau traduzir.

A instituição da tradução que Rónai declara é forte. A prova de força dessa instituição encontra-se nas inúmeras artimanhas instaladas nas dobras de seus textos.

O que mais me surpreende em Rónai é sua incontestável e oportuna modernidade. Meu objetivo é colocar em foco suas afirmações a partir de meados de 1940 e que, desde então, instalam polêmicas e uma necessidade extremada de estudos criteriosos sobre a tradução e as línguas.

Sempre é preciso empenhar-se em trazer aos leitores uma outra visão a respeito de autores clássicos, como considero Rónai, e principalmente daquilo que eles apontam. Estamos diante de um personagem que deve ser re-estudado como um autor que mostra, dentre muitas coisas, a fragilidade da tradução no confronto entre as línguas. De certa maneira, a sociedade roga aos tradutores uma atitude sempre acertada. O pensamento que subjaz ao estilo de Rónai pode servir, então, como um contraponto para esta obrigação inalcançável. Pretendo redimensionar a obra de Paulo Rónai. A idéia é focalizar este tradutor na emergência dos estudos da tradução no Brasil.

Desde o aparecimento desse autor na história da tradução brasileira, teóricos e profissionais desta área têm recorrido a seus pensamentos.

Lia Wyler (2003), em seu recente estudo sobre a história da tradução no Brasil, *Línguas, Poetas e Bacharéis: Uma crônica da tradução no Brasil*, relata:

As primeiras reflexões sobre o ofício de traduzir em nosso país foram feitas por um húngaro muito brasileiro, Paulo Rónai, em Escola de Tradutores, fruto de seus estudos e experiência como tradutor e coordenador de coleções traduzidas para as editoras brasileiras. (p. 12)

Mais adiante, ao relatar a proposta da PUC-RJ para as alterações do currículo de seu curso universitário de formação de tradutores, ela diz:

Na busca de aperfeiçoamento, a PUC-RJ achou necessário proporcionar aos seus alunos um contato mais direto com os profissionais que trabalhavam no mercado da tradução. Procurou então a Abrates recém-fundada por um grupo de intelectuais liderados pelo idealista Paulo Rónai. À época ele era editor de várias coleções, verdadeiras escolas em que procurava demonstrar que a tradução literária, bem como a técnica e científica, mereciam não somente consideração, como minucioso exame e discussão crítica e teórica. Tais idéias haviam-no levado a publicar o primeiro livro brasileiro sobre tradução, Escola de Tradutores, bem como incontáveis artigos sobre o tema. (p. 141)

Wylér observa que Rónai preocupava-se, principalmente, com a quase inexistência de uma classe de tradutores, a baixa remuneração oferecida a esses profissionais que trabalham anonimamente para autores conhecidos. Ela conta ainda que, na década de 1950, Rónai começara a se corresponder com diretores da recém-criada Federação Internacional de Tradutores. Segundo Wylér:

Na década de 1950, Rónai começara a se corresponder com diretores da recém-criada Federação Internacional de Tradutores – FIT – uma ONG categoria A junto à Unesco, o que lhe concedia o privilégio de participar dos vários estágios do planejamento e execução de medidas que dissessem respeito à tradução no mundo inteiro. Em um encontro com seu presidente, François-Pierre Caillé em Paris, em 1973, Rónai foi incentivado a criar no Brasil uma associação de tradutores filiada à FIT, o que aconteceu em 21 de maio de 1974 com a participação de 112 tradutores, entre os quais havia um grande número de intelectuais conhecidos de todo o país. Aparentemente, dois fatos anteriores haviam suscitado Rónai o otimismo necessário para tomar tal iniciativa. A revisão da Convenção Internacional de Berna relativa à proteção das obras literárias e artísticas ocorridas em Paris em 1971, e a nova lei de direito autoral nº 5.988, de 14 de dezembro de 1973. (p. 141)

Digamos que essas iniciativas de Paulo Rónai têm estimulado, desde então, a produção de teorias de tradução no Brasil.

Como, então, teorizar sobre este grande teórico Paulo Rónai? O que eu teria de novo a falar desta grande personalidade? Na verdade, eu havia conseguido grande quantidade de materiais desde o início da minha pesquisa para a dissertação de mestrado, mas estas duas indagações sempre me perseguiram.

Assim, considero necessário, para respondê-las, importar a teoria do filósofo franco-argelino Jacques Derrida para entender melhor a examinação que Rónai faz dos problemas à volta do fenômeno da tradução. O pensamento derridiano, com suas reflexões à luz da desconstrução, alimenta ainda mais aquilo que eu encontrara em Rónai e não sabia como resolver: a problemática inerente à língua e à linguagem para

a tradução. Não que esta problemática tenha solução, não que eu tivesse conseguido resolver, mas pude entendê-la melhor.

Proponho estudar Rónai a partir do pensamento de Jacques Derrida, que creio poder auxiliar-me a olhar para os impasses entre teoria e prática de tradução em seus trabalhos de maneira diferente. A força do pensamento da desconstrução não reduz o texto de Rónai a seu próprio texto, mas o redimensiona.

Proponho um elo. Procuo concentrar minhas atenções nas propostas de Rónai e Derrida que tratam do traduzir em sua magnitude. Procuo cercar-me de Rónai e Derrida para reivindicar que os estudos tradução no Brasil podem estar cerceados pela reflexão sobre as línguas, nas línguas, no interior das línguas, nas relações que estabelecemos entre elas e o traduzir. Rónai provoca-nos, e tento provocá-lo com Derrida, outro provocador. O tradutor Rónai passa, neste trabalho, de sujeito da tradução a objeto de teoria de tradução. Quando me dispus a estudar Rónai, chamou-me a atenção o fato de conseguir encontrar nele uma visão tomada por um *double bind* insolúvel.

No cerne do pensamento de longo alcance sobre a tradução de Paulo Rónai, encontram-se as bases do estudo da teoria de tradução nacional, encontram-se as pontes entre várias línguas, as que também competem à teoria de tradução edificar. (Re)absorver as argumentações de Rónai traz consigo a exigência de uma abordagem desconstrutivista a respeito da tradução. Pode-se dizer que o rumo que tomou o construto teórico de Rónai nunca se esgota; ao contrário, constata-se.

Constituo um menu de Rónai. O processo interno de ascensão e depressão da história de Rónai. A velha e a nova história de Rónai.

Por questões de espaço, para esta síntese, portanto, limito-me a explicar como construí uma tese a respeito de Paulo Rónai.

O objetivo principal do meu trabalho é o de analisar as notas (de tradução) do tradutor Paulo Rónai e o porquê da recorrência a este recurso, na tradução para a língua portuguesa da obra *La Comédie Humaine (A Comédia Humana)*, de Honoré de Balzac. Vemos que Rónai, ao deparar-se com as dificuldades de tradução dos trocadilhos balzaquianos constrói, e aqui empresto os termos de José Paulo Paes (1990), uma “tradução, uma ponte (tão) necessária” aos olhos de Rónai, para o leitor brasileiro.

Nesse sentido, utilizo um método de reconhecimento de macro-objetos de sua obra: descrevo sua carreira enquanto professor, tradutor, escritor, lexicógrafo. Descrever Rónai voltado para Rónai, ele próprio. Prendo-o, num primeiro momento, em seus próprios conceitos, em suas próprias ideologias, em sua própria razão e, como não posso abandonar a história em que ele viveu, porque ela dará sentido às questões que buscarei sustentar, percorrerei a miríade de Rónai. Daí que somente consigo entender a lógica de Rónai se eu levar em consideração sua produção, isto é, a relação que ele tem com a língua e com a linguagem. Mostro que as argumentações de Rónai funcionam como um ímã. Ele não é apenas lingüista, tradutor, professor, fundador de associações de tradução, escritor, teórico. Não é possível enquadrar Rónai, dar-lhe um rótulo.

Em seguida, levo em conta os micro-objetos da história de Rónai: dispenso a história de Rónai para tentar enxergá-lo nas notas de tradução de *A Comédia Humana* de Honoré de Balzac. Irei recusar a análise geral e voltar-me-ei para uma porção de seu trabalho. Tentarei entrar no imaginário de Rónai, e aí sem conceitos de Rónai sobre Rónai. Estarei na representação que a tradução tem para Rónai no interior das notas de tradução (localizadas no rodapé). Já não analiso a própria razão, mas a sensibilidade, a emoção de Rónai, a fermentação da sua história aos pedaços. No empreendimento de Balzac ele “põe a mão na massa”, ele se envolve. A escrita o atinge, a linguagem o atinge, a tradução o enfrenta. Nesse empreendimento, ele vai além da tradução. Ele não tem parada, sua relação com a língua é antropofágica. Ele tenta detectar o que é língua, o que é linguagem. Ele preza a estrutura, mas a estrutura o faz vacilar. Vacila porque ele não faz distinção entre a língua e a linguagem, não há uma fronteira entre estas. Ele vai do extremo da estrutura da língua, do código, ao outro extremo, ao da linguagem, que o trai. Essa traição é revelada nas notas, lugar onde ele só pode dizer que os trocadilhos balzaquianos são intraduzíveis, traduzindo-os. É o apelo a traduzir e, nesse apelo, ele escreve uma não-teoria. Ele não elabora conceitos, não há nele, e em toda a sua obra, uma descrição teórica tradicional, embora ele não a perca de vista. Ele não negocia com a língua e tampouco com a linguagem, e a todo momento em que ele escreve um de seus livros ele reinaugura o acontecimento que sofre. Toda nota de tradução de Rónai se instala no intraduzível.

Sua atuação em *A Comédia Humana* revela-se em 7.493 notas do tradutor, recurso que marca a leitura e a escrita ativas por ele e que evidencia seu envolvimento e interferência enquanto tradutor e revisor da obra. Todas elas foram compiladas manualmente por mim, digitadas em word, para oportunizar um trabalho criterioso e minucioso de separação das notas, principalmente aquelas que diziam respeito aos trocadilhos. As 7.493 notas constam, integralmente, em CD-Rom.

Após ter compilado todas as 7.493 notas do tradutor Rónai a partir dos 17 volumes da *Comédia*, separei 708 notas. Tais notas dizem respeito às questões específicas de tradução, como o mencionado por Rónai, sendo que compilei: 58 notas de tradução no Volume I, 88 no Volume II, 44 no Volume III, 67 no Volume IV, 37 no Volume V, 59 no Volume VI, 40 no Volume VII, 34 no Volume VIII, 27 no Volume IX, 31 no Volume X, 49 no Volume XI, 28 no Volume XII, 24 no Volume XIII, 13 no Volume XIV, 43 no Volume XV, 29 no Volume XVI e 37 no Volume XVII.

Dessas 708 notas que tratam especificamente de tradução, 82 notas estão dedicadas, exclusivamente, à problemática da presença dos trocadilhos e provérbios balzaquianos que supostamente passaram pela tentativa “fracassada” de tradução, segundo Rónai.

Para entendermos o processo das notas de rodapé de Rónai, é preciso que consideremos que o tradutor, ao produzir uma nota de tradução, aborda o intraduzível. Evidencia-se em Rónai a ativação de uma legibilidade aguçada que demonstra como há algo que sempre escapa à tradução, que sobra e que é isso que precisa ser traduzido.

As notas servem de material para expor as peculiaridades importantes da tradução da *Comédia*. Destaco a originalidade e o paradoxo destas, que, na verdade, revelam-se em todo processo de tradução, pois representam exemplos máximos da idéia de Rónai sobre o que é o traduzir. Os jogos de palavras balzaquianos, aquilo que se caracteriza como (in)traduzível, causam em Rónai perplexidade e assombro perante as línguas. Vejamos, nesta síntese, pelo menos cinco exemplos, sendo que na primeira linha dos quadros coloco a referência do volume francês, com o texto sobre o qual se refere a nota de rodapé da edição brasileira, seguido do número da página onde este consta na edição francesa. Na segunda linha, temos a referência do volume brasileiro, com a tradução do texto francês sobre a qual se refere a nota de rodapé da edição brasileira.

Na terceira linha, apresento a nota de rodapé de Rónai e seu número (por exemplo: n. (nota) nº (número) 41), seguida da página onde ela consta na edição brasileira.

1

Volume I – 1994 (edição brasileira) / Volume I – 1976 (edição francesa)

V.I, (p.165): Ma belle dame, vous avez écarté le roi de coeur, j'ai gagné. Mais ne regrettez pas votre argent, je le réserve pour mes petits séminaires.
--

V.I, n.º 41 (p.185): Minha senhora, acabais de rejeitar o rei de copas, ganhei. Mas não lamenteis vosso dinheiro, reservo-o para os meus jovens seminaristas.

n.º41 : <i>O Rei de Copas</i> . Em francês “roi de coeur”, o que dá à frase do bispo de Persépois o valor de um bonito trocadilho, que ela não tem em português. – Notemos que a história da bela e impertinente Emília não acaba aqui. Ela há de casar-se, depois da morte do conde de Kergarouët, com o marquês Carlos de Vandenesse; encontrá-los-emos no romance <i>Uma Filha de Eva</i> .
--

- Traduzir *roi de coeur* por “rei de copas” é insatisfatório para Rónai, já que se trata de um trocadilho que faz alusão ao ato de a Sra. Emília não rejeitar simplesmente a carta do baralho, mas o coração de um pretendente.

2

V.I, (p.511): La hache n'a donné qu'une coquille.

V.I, n.º 54 (p.458): A acha não deu mais do que um copo de espada.
--

n.º 54 : <i>A acha não deu mais do que um copo de espada</i> . No original: <i>La hache n'a donné qu'une coquille</i> . Como se vê, aqui há um trocadilho, baseado nos dois sentidos da palavra <i>coquille</i> : “vieira” (a que figura no escudo dos Canalis) e “copo de espada”.

- Rónai não opta por traduzir simplesmente *coquille* por “copo de espada”. É preciso denunciar na nota que há também um possível significado de “vieira” (a que figura no escudo dos Canalis).

3

V.I, (p.512): L'editeur soussigné fait observer qu'il achète dix mille francs chaque volume de poésies à M. de Canalis, qui ne donne pas ses coquilles.

V.I, n.nº 55 (p.458): O editor abaixo-assinado observa que compra por dez mil francos cada volume de poesias ao senhor de Canalis, que não dá o que pode vender.

n.nº 55 : *Que não dá o que pode vender.* No original: *Qui ne donne pas ses coquilles*, expressão figurada que significa “ser mesquinho”, “não dar nada de boa vontade” etc., e entra aí para dar margem a novo trocadilho sobre a palavra *coquille*.

- Como acima, ele denuncia aqui também um outro significado relacionado à palavra *coquille*, ser mesquinho.

4

V.I, (p.512): Les vers atterent les goujons.

V.I, n.nº 56 (p.458): Os versos atraem para ali os homens, como os vermes atraem os cadozes.

n.nº 56 : *Os versos atraem ali os trouxas, como os vermes atraem os cadozes.* Há, neste trecho, no original francês, uma série de trocadilhos de impossível tradução. A pilhéria parte do nome da rua em que mora o poeta, rua *Paradis-Poissonnière*, nome extravagante, composto de duas palavras, a primeira das quais significa “paraíso” e a segunda “panela para cozer peixes”. Para esta panela, os vers (“vermes, mas também “versos” atraem os *goujons* (“cadozes”, mas também “trouxas”).

- A situação, o contexto, forçam Rónai a recuperar na tradução duas frases: 1) Os versos atraem para ali os homens; e 2) como os vermes atraem os cadozes, ao passo que *Les vers atterent les goujons* o faz em uma. O trocadilho francês com as palavras *vers* (versos, vermes) e *goujons* (homens/trouxas, cadozes), ao não ser recuperado em português é reconstruído por Rónai na nota.

5

V.I, (p.512): Ce succès d'argent cause en librairie une huitième plaie à laquelle a échappé l'Égypte, *les vers* !

V.I, n.nº 58 (p.458): Esse êxito monetário causa, na livraria, uma oitava praga, da qual o Egito escapou: os versos.

n.nº 58 : *Uma oitava praga da qual o Egito escapou: os versos.* Outro trocadilho, baseado ainda nos dois sentidos da palavra *vers* (“versos” e “vermes”).

- Ao optar por traduzir *vers* por *versos*, Rónai elege a tradução mais relevante possível, porém lhe sobra a tarefa de não deixar o leitor alheio ao outro significado.

A tradução dos trocadilhos intraduzíveis revela o que até então permanecia, aos olhos de Rónai, quieto: a língua francesa, em seu mundo, a língua portuguesa, em seu outro mundo, separadas, sem se tocarem, embora com problemáticas inerentes a elas. A tradução torna-se o aspecto inflamatório, sintomático, infeccioso, febril em Rónai, pois ela coloca as línguas em pane.

Posteriormente, faço aquilo que considero o melhor da história de Rónai. Busco um enlace desses dois universos que construo: a velha e a nova história de Paulo Rónai: Rónai com Rónai (com Jacques Derrida). Isto é, Rónai com Rónai é justamente a leitura da desconstrução. Tentarei estabelecer uma relação entre essas partes, buscando a complexificação de sua obra. É nesse momento, em minha tese, que o pensamento de Jacques Derrida auxilia-me na tentativa de entender melhor a produção de Rónai e sua relevância para os estudos da tradução.

Início minhas reflexões à luz da desconstrução derridiana via Ferreira, Nascimento, Siscar, Ottoni, Skinner e Johnson. Posteriormente apoio-me no pensamento de Derrida propriamente dito, por meio dos textos, que para este trabalho considero cruciais, *L' Oreille de L'Autre, Résistances, Dissemíation, Posições, Torres de Babel, O que é uma tradução relevante, Fidelidade a mais de um e Esta estranha instituição chamada literatura*.

Para finalizar, na última parte de meu trabalho, concluo, sem finalizar, a partir do texto derridiano *A língua não pertence*. Este texto, ligado àquela primeira questão do *double bind* e do intraduzível inaugurado com os textos *L' Oreille de L'Autre e Résistances*, responde ao acontecimento do intraduzível entendido como o elemento perturbador da reapropriação do sentido a partir da noção de que uma língua nunca *pertence*.

Ainda na última parte, acrescento a entrevista concedida por Paulo Rónai à *Folha de São Paulo* em 27 de abril de 1991. Esta entrevista corrobora seu envolvimento em *A Comédia Humana* e denuncia que as questões sobre língua e linguagem encontram-se sempre abertas e paradoxais, principalmente na história que ele relata, aquela de sua vida e obra.

Acrescento, portanto, que existe uma fecundidade teórico-prática nas argumentações de Rónai, não somente no que chamo de velha história, mas também naquilo que destaco, na nova história, que é a que construo, com as notas de tradução na *Comédia*, mostrando sua tentativa de resistir ao uso dessas, mas também de resolver o problema do leitor da obra de Balzac, um impasse que não é resolvido (tampouco com as notas), pois ao tratar do (in)traduzível as explicações se expandem.

Procuro destacar o modo como se articula aquilo que ele coloca em cena: a nota do tradutor, o fora do livro. Cabe salientar o conjunto de argumentações que estão em causa, não me restando unicamente apontar as notas de tradução na *Comédia*, mas o modo como elas atuam nos dizeres de Rónai e todas as implicações que as mesmas têm em seu texto. Rónai coloca os tradutores (da *Comédia*) e a si próprio frente a frente com o idiomático das línguas. Nesse corpo a corpo com o idiomático ele declara a

necessidade de se esclarecer em nota as palavras intraduzíveis. Se retomarmos em mãos os conceitos de Rónai que interessam aqui, entenderemos um pouco melhor a motivação do processo de confecção das notas.

Anuncio que a leitura atenta das obras desse teórico pode nos ajudar a entender melhor suas notas de tradução em *A Comédia Humana* e a compreender seu pensamento à luz das contribuições de Derrida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASHER, N. & NETO, A.L. Paulo Rónai faz 50 anos que o tradutor e ensaísta chegou ao Brasil. *Folha de São Paulo*. São Paulo, sábado, 27 de abril de 1991. Cad. 6, pp. 1 e 6.
- BALZAC, H. (1976). *La Comédie Humaine*. Paris: Gallimard. Vol. I.
_____. (1976). *La Comédie Humaine*. Paris: Gallimard. Vol. II.
_____. (1976). *La Comédie Humaine*. Paris: Gallimard. Vol. III.
_____. (1976). *La Comédie Humaine*. Paris: Gallimard. Vol. IV.
_____. (1977). *La Comédie Humaine*. Paris: Gallimard. Vol. V.
_____. (1977). *La Comédie Humaine*. Paris: Gallimard. Vol. VI.
_____. (1977). *La Comédie Humaine*. Paris: Gallimard. Vol. VII.
_____. (1977). *La Comédie Humaine*. Paris: Gallimard. Vol. VIII.
_____. (1978). *La Comédie Humaine*. Paris: Gallimard. Vol. IX.
_____. (1979). *La Comédie Humaine*. Paris: Gallimard. Vol. X.
_____. (1980). *La Comédie Humaine*. Paris: Gallimard. Vol. XI.
_____. (1981). *La Comédie Humaine*. Paris: Gallimard. Vol. XII.
_____. (1994). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. I.
_____. (1989). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. II.
_____. (1989). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. III.
_____. (1995). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. IV.
_____. (1990). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. V.
_____. (1996). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. VI.
_____. (1996). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. VII.
_____. (1995). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. VIII.
_____. (1996). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. IX.
_____. (1990). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. X.
_____. (1996). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. XI.
_____. (1991). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. XII.
_____. (1992). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. XIII.
_____. (1992). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. XIV.
_____. (1992). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. XV.
_____. (1993). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. XVI.
_____. (1993). *A Comédia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Globo. Vol. XVII.
- BENEDETTI, I.C. & SOBRAL, A. (2003). *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas*. São Paulo: Parábola Editorial.
- DERRIDA, J. (1967). *Gramatologia*. Tradução de Miriam Schneiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Perspectiva e Editora da Universidade de São Paulo – Coleção Estudos.
_____. (1975). *Posições*. Lisboa: Plátano Editora (tradução para o português de Maria Margarida Correia Calvente Barahona; edição original de 1972).

- _____. (1981). *Dissemination*. Translation, Annotation, and Introduction by Barbara Johnson. Chicago: University of Chicago Press; London: Athlone Press.
- _____. (1982). *L' Oreille de l'Autre*. Montréal, Québec: VLB Éditeur.
- _____. (1987). *Cinders*. Trans. Ned Lukacher. Lincoln: University of Nebraska Press.
- _____. (1992). *Acts of Literature*. Jacques Derrida: edited by Derek Attridge. New York: Routledge.
- _____. (1996). Résistances. In: *Résistances de la psychanalyse*. Paris: Galilée, p. 11-53.
- _____. *Fidélité à plus d'un: mériter d'héritier où la généalogie fait défaut*. In: *Idiomes, nationalités, déconstructions*. Paris: Cahiers Intersignes e Casablanca: Les Editions Toubkal, 1998. *Fidelidade a mais de um: merecer herdar onde a genealogia falta*. Trad. Paulo Ottoni. In: *Tradução Manifesta – Double Bind e Acontecimento*, no prelo.
- _____. (2000a). O que é uma tradução relevante. (tradução para o português de Olívia Niemeyer Santos). In: *Alfa*. São Paulo, 44 (n.esp.): 13-44.
- _____. (2000b). La langue n' appartient pas, entretien avec Évelyne Grossman, em *Europe - Revue littéraire mensuelle*, no. 861-862, Paris. (no prelo)
- _____. (2002). *Torres de Babel*. Tradução de Junia Barreto. Editora UFMG, Belo Horizonte.
- ESQUEDA, M. *Rónai Pál: Conflitos entre a teoria e a prática da tradução e a profissionalização do tradutor*. Dissertação de Mestrado defendida em 3 de dezembro de 1999 no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni.
- FERREIRA, E. *Jacques Derrida e o récit da tradução: o Sobreviver/Diário de Borda e seus transbordamentos*, tese de doutorado defendida em 2003, no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni.
- LIMA, E. *As Operações de Tradução em Jacques Derrida*, tese defendida em 14 de abril de 2003, no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Antonio Siscar.
- NASCIMENTO, E. (1999). *Derrida e a literatura*. Rio de Janeiro: EdUFF.
- OTTONI, P.R. O Papel da Lingüística - e a relação Teoria e Prática - no Ensino da Tradução. *TradTerm*, São Paulo: 4 (1), p.125-139, 1º Semestre de 1997.
- _____. (1998). Tradução Recíproca e Double bind – Transbordamento e multiplicidade de línguas. In: *Revista Internacional de Língua Portuguesa – número sobre tradução*. Lisboa.
- _____. (2000a). *Tradução manifesta e double bind: a escritura de Jacques Derrida e suas traduções*. In: *Tradterm 6*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.
- _____. (2000b). A Tradução da différance: dupla tradução e double bind. *Revista de Lingüística Alfa*, São Paulo: Editora Unesp, v. 44 (n. esp.).
- PAES, J.P. (1990). *Tradução: A ponte necessária*. São Paulo: Ática.
- RÓNAI, P. (1981). *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom.
- _____. (1987). *Escola de tradutores*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Pró-Memória/Instituto Nacional do Livro, 171 p.
- SISCAR, M. (2000). Jacques Derrida, o intraduzível. *Revista de Lingüística ALFA*. São Paulo: Editora UNESP, v. 44 (n. esp.).
- SKINNER, A.M. (2000). *Desconstruções: Jacques Derrida*, Tese de Doutorado, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação do Prof. Dr. Roberto Côrrea dos Santos.

- WYLER, L.C.C.A. (1995). *A tradução no Brasil: Ofício invisível de incorporar o outro*. Rio de Janeiro: ECO/URFJ. (Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro)
- _____. (2003). *Línguas, Poetas e Bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.